

# **Deus e o mundo dos negócios**



Tradução  
*Ricardo Costa*

Supervisão editorial  
*Marcos Simas*

Capa  
*Souto - Crescimento de marcas*

Revisão  
*João Félix*  
*Angela Nunes*

Diagramação  
*Clara Simas*



# Deus e o mundo dos negócios

Significado e motivação para o mundo dos negócios

R. Paul Stevens



Brasília / Viçosa  
2008

© 2008 Editora Palavra  
Originally published in the U. S. A. under the title: *Doing God's Business*  
Copyright © 2006 by R. Paul Stevens  
Published by permission of Wm. B. Eerdmans Publishing Co.,  
255 Jefferson Ave. S.E., Grand Rapids, Michigan 49503

Impressão  
*Imprensa da Fé, SP*

1ª Edição brasileira  
*Agosto de 2008*

Todas as citações bíblicas foram extraídas da NVI – Nova Versão Internacional, da Sociedade Bíblica Internacional. Copyright © 2001, salvo indicação em contrário.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sem o consentimento prévio, por escrito, dos editores, exceto para breves citações, com indicação da fonte.

Publicado no Brasil com a devida autorização  
e com todos os direitos reservados por:

Editora Palavra  
CLN 201 Bloco "C" subsolo  
CEP. 70832-530 Brasília - DF  
Tel: 61-3213-6975  
www.editorapalavra.com.br

Em co-edição com:

Editora Ultimato Ltda.  
Caixa Postal 43  
36570-000 Viçosa, MG  
Telefone: 31 3891-3149 — Fax: 31 3891-1557  
www.ultimato.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

S867d

Stevens, R. Paul, 1937-

Deus e o mundo dos negócios : significado e motivação para o mundo dos negócios / R. Paul Stevens ; tradução Ricardo Costa. - Brasília, DF : Palavra ; Viçosa, MG : Ultimato, 2008.

Tradução de: *Doing God's business*  
ISBN 978-85-60387-30-4 (Editora Palavra)  
ISBN 978-85-7779-021-0 (Editora Ultimato)

1. Trabalho - Aspectos religiosos - Cristianismo. 2. Negócios - Aspectos religiosos - Cristianismo. I. Título.

08-2063.

CDD: 248.88  
CDU: 248.12

---

006784

Para Walter C. Wright,  
diretor do DePree Leadership Center.  
Meu mentor.

# Sumário

Prefácio	9
1. Em qual negócio Deus está?	13
PARTE I	
Propósito: A respeito de uma teologia do mercado de trabalho	31
2. Ser um homem de negócios é um chamado?	33
3. O lado empresarial do ministério	57
4. Um louvor sincero forma uma comunidade	79
5. O mercado de trabalho como campo missionário	99
6. Globalização	123
PARTE II	
Motivação: Em direção à espiritualidade no mercado de trabalho	145
7. Indo fundo	147
8. Cultivando a integridade	167
9. Seja criativo	189
10. Deixando a vida falar	211
11. Buscando santidade	231
Epílogo: O líder contemplativo	251

# Prefácio.

*Fiz de mim o que não soube  
E o que podia fazer de mim não o fiz.*  
Álvaro Campos, em “Tabacaria”.

**D**ominados pela ansiedade, papais e mães mais previdentes (e um tanto obcecados) iniciam logo após o nascimento o planejamento do ingresso do filhote na vida profissional. “Idade da criança?”, pergunta a secretária daquela escola caríssima e disputadíssima. “Cinco meses”, responde um tanto desolado o pai.

Pronto. O filho será alfabetizado em três idiomas, mas a mãe já brigou que o moleque deverá aprender mandarim desde cedo porque leu em algum lugar que “a China está crescendo bastante”. “Por um bom salário ele pode até abrir uma pastelaria lá em Tóquio, capital chinesa”, confunde a bem-intencionada senhora.

Profissões em declínio, algumas carreiras quase extintas, novos modelos de relação profissional, gente trabalhando em casa, empresas da lista da Fortune desapareceram, funcionários chegam a morrer por excesso de trabalho enquanto o desemprego subtrai a esperança de milhões de trabalhadores.

As mudanças acontecem em ritmo acelerado no mundo corporativo. No entanto, certo tipo de (pré)conceito remete aos dias em que Adão e Eva flanavam pelo jardim sem iPod e iPhone. Avaliar o trabalho como “maldição” atravessou diversos períodos da história e continua arraigado no subconsciente de zilhares de pessoas. Por extensão, a segunda-feira é o dia mais terrível da semana e a sexta-feira prenuncia a libertação desse “mal”.

O bicho-homem aprendeu a se preparar para desenvolver habilidades e ter uma carreira ascendente, porém ainda não é capaz de harmonizar vida pessoal e profissional. Cada área segue estanque e os efeitos dessa dicotomia podem ser identificados nas esferas física, mental e espiritual. Yes, com exceção de clérigos de quaisquer religiões, todas as demais atividades parecem nada ter que ver com as coisas do espírito. Eternos petizes discípulos de Mani, continuamos dividindo o mundo em quente/frio, ajunta/espalha e, principalmente, carne/espírito.

Esta não é a posição defendida por Paul Stevens. Neste livro necessário e bem-vindo, o escritor afirma que “trabalho e criatividade são parte do nosso amor a Deus e canais de bênçãos divinas”. Ousado, ele assevera que “empreendedores são sacerdotes de Deus”. Fruto de pesquisa meticulosa e abundante em citações, a obra apresenta ao final de cada capítulo questões para debate, evitando o dilema teoria versus prática.

O objetivo do escritor não é meramente a exposição de teorias novas ou “recauchutadas”. Mais que isso, Stevens propõe mudar a estrutura de pensamento que a maioria dos cristãos tem sobre o tema. Lembrando o que disse o filósofo grego Epicteto, “não são as coisas em si mesmas que inquietam os homens, mas as opiniões que eles formam sobre estas coisas”.

Passamos boa parte de nossa vida no ambiente de trabalho. Dependendo da atitude que mantivermos, será “investimento” ou “desperdício”. Segundo o Rabino Jonathan Sacks, “não se escolhe entre acreditar e agir, pois é por meio das ações que expressamos nossa fé e fazemos dela uma realidade presente na vida de outros e no mundo”.



Infelizmente, os termos “cristão” e “excelência” ainda parecem imiscíveis em quaisquer que sejam as áreas.

Ainda assim, seguimos sonhando exercer algum tipo de influência terapêutica neste “mundo fraturado”. Lembrando novamente a genialidade do poeta português:

*Não sou nada.*

*Nunca serei nada.*

*Não posso querer ser nada.*

*À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.*

Boa leitura, bons sonhos... e bom trabalho!

Sérgio Pavarini é jornalista e marqueteiro, Escreve regularmente em diversos sites e revistas e é editor do PavaBlog# ([www.pavablog.com](http://www.pavablog.com)) e da newsletter PavaZine#.

# 1. Em qual negócio Deus está?

*A Igreja cristã sempre achou difícil chegar a um acordo com o mundo dos negócios.*

Brian Griffiths, *The Creation of Wealth* [A criação da riqueza]

*Que tal se os cristãos pudessem mudar sua atitude em relação aos negócios e, que tal se os cristãos pudessem mudar a atitude do mundo em relação aos negócios?*

Wayne Grudem, *How Business in Itself Can Glorify God* [Como os negócios podem glorificar a Deus]

Deus e negócios. Deus nos negócios? Este pensamento é quase inimaginável, pelo menos no mundo ocidental. “Deixe sua alma do lado de fora da porta do mundo dos negócios” tem sido a mensagem silenciosa – e até anunciada algumas vezes – do mercado. Entretanto, em 16 de julho de 2001, a matéria de capa da revista *Fortune* tinha este título: “God and Business: The Surprising Quest for Spiritual Renewal in the American Workplace” [Deus e negócios: a surpreendente busca por renovação espiritual no ambiente de trabalho]. Neste artigo, Marc Gunther fala sobre “quebrar o velho tabu”. Ele descreve um crescimento repentino do número de executivos que “desejam construir uma ponte sobre a tradicional divisão

entre espiritualidade e trabalho”.<sup>1</sup> É um movimento bem-vindo e muito atrasado.

Há tempo a separação entre Deus e o mundo dos negócios resulta em uma vida dupla: Deus no domingo, trabalho na segunda-feira. Pessoas de fé freqüentemente são teístas entusiasmados no domingo e ateístas práticos na segunda-feira. Um advogado falou: “Nunca consegui descobrir como usar meu melhor terno e minha fé simultaneamente.” O que a fé tem a ver com ganhar dinheiro, desenvolver produtos e serviços e agregar valores para os clientes, grupos de investidores e acionistas? Certa vez um executivo observou: “Sinto que o que a igreja realmente valoriza é o tempo que atuo como voluntário: ensinando na Escola Dominical, servindo como oficial ou ancião, atuando em grupos da igreja ou liderando pequenos grupos. Acredito que se eu quiser me comprometer realmente como cristão terei de me dedicar em tempo integral ao serviço e me tornar um pastor ou missionário.”

#### DEUS E O MUNDO DOS NEGÓCIOS?

Alimentando esta separação entre fé e trabalho está uma hierarquia de santidade no imaginário da maioria dos crentes. Os missionários e os pastores estão no topo, depois vêm os “profissionais que ajudam aos outros” (médicos e conselheiros), seguidos pelos que cuidam de seus lares e pelos comerciantes, os últimos a se sujarem, mas que moralmente estão limpos. Depois, bem abaixo, estão os homens de negócios, que fisicamente estão sempre limpos, mas, na cabeça da maioria das pessoas, são moralmente questionáveis. E, em algum lugar próximo ao final da escala de santidade, estão os corretores da bolsa de valores e os políticos. Essa hierarquia herética é freqüentemente reforçada por situações reais que as pessoas passam no mundo dos negócios.

Ivan é um designer que desenvolve projetos para um fabricante de telhas. Ele está trabalhando num projeto para um novo aeroporto em um país da Ásia, mas, para ser contratado, sua companhia precisa

pagar uma “taxa de uso” (leia-se suborno) ao governo local. Ele deve fazer isso?

Samuel é o CEO de uma grande multinacional petrolífera que tem uma filial em um país africano atualmente enterrado em uma guerra civil. Ele sabe que os impostos e *royalties* que sua companhia paga ao governo pela extração do petróleo são usados na compra de armas para combater os rebeldes e não no desenvolvimento da saúde e da educação, que o país desesperadamente necessita. Será possível ficar em paz consigo mesmo, com seu Deus e com os manifestantes do lado de fora de seu escritório dizendo que ele está fazendo mais bem do que mal àquele país de Terceiro Mundo? Uma coisa que ele sabe, com certeza, é que os negócios hoje em dia definitivamente são globalizados. (Veja mais sobre isso no capítulo 6).

Bill associou-se a Robert numa empresa de alta tecnologia. A New Age Electronics. Atualmente o negócio deles emprega vinte e cinco pessoas. Certo dia, Robert soltou uma bomba para Bill: “Eu ouvi o chamado na Conferência Missionária – tão claro quanto a voz da minha esposa. Aliás, ela também ouviu o chamado. Nós dois temos certeza de que Deus está nos chamando para o campo missionário, para trabalharmos com estudantes em Zâmbia. Fomos chamados para o trabalho do Senhor!” Este exemplo, que trataremos melhor posteriormente, ressalta o dualismo na mente das pessoas sobre o chamado vocacional, que alguns denominam de “serviço cristão”, e outros nem falam disso.

Stephanie é pastora em uma grande igreja em Toronto. Ela sabe que a maioria dos membros é composta por profissionais, professores universitários e homens de negócios. Na semana passada, um dos executivos lhe disse: “Não acho que a igreja realmente aprove os meus negócios; a não ser como um meio para alcançar outros fins. O que faço é considerado de valor cristão contanto que eu evangelize ou testemunhe no trabalho, tenha um bom rendimento e contribua generosamente para a minha igreja. Todos esses reconhecimentos são apenas exteriores. Nunca recebi um reconhecimento natural da igreja pelo que faço nos negócios como

cristão.” O que ela pode fazer para ajudar esse executivo a ver as coisas de um modo diferente? Como ela pode servir à igreja que ama para equipar as pessoas para seus trabalhos de segunda a sexta? Voltaremos ao caso de Stephanie depois.

Horácio Gutierrez é um metalúrgico habilidoso. “Quando a companhia fechou, atolada em dívidas e vencida pela concorrência internacional, pensei que seria fácil encontrar outro trabalho. Como eu estava enganado! No Peru, pessoas com mais de 40 anos são consideradas muito velhas”. Ele agora cuida dos afazeres domésticos enquanto sua esposa é uma “microempresária” – um eufemismo para o seu precário trabalho. “Ela é uma trabalhadora autônoma que vende bijouterias num dia e no outro costura para fora.”

Do outro lado do mundo, James, junto com outros onze vice-presidentes na agência de um banco em Hong Kong, chega à sala de reuniões da diretoria. Ele pode sentir a tensão na sala. O VP Internacional, Paul, deu um ultimato a ele e a seus companheiros: focar nos clientes top, que geram para o banco ganhos acima dos 100 mil dólares. Paul encerrou a reunião com estas palavras fortes: “Agora, quero que sejam tomadas medidas para resolver a situação imediatamente. Se algum de vocês não ‘agüenta o calor, é melhor sair da cozinha’. Eu não vou hesitar em mudar a cor do tapete desta sala para vermelho, se for necessário.” James ficou pensando se poderia agüentar o “calor”.

Tom trabalha para uma firma britânica de consultoria em engenharia. O seu grupo de projeto está trabalhando na renovação de algumas fábricas no Uzbequistão, parte da antiga União Soviética. As fábricas, todas em diferentes estágios de degradação, foram compradas por uma multinacional de cigarros anglo-americana que planeja reformá-las, instalar sua linha de produção e produzir cigarros para vender à população local. O avô de Tom morreu de doença no pulmão relacionada ao hábito de fumar. Ele não sabe o que fazer.

Todos estes e outros casos nos capítulos posteriores são baseados em situações reais, mas os nomes e lugares foram alterados; muitas vezes eles trazem mais de uma situação ao mesmo tempo. Além destes casos, tenho uma ligação pessoal com o assunto deste livro.

## NOS NEGÓCIOS DO MEU PAI

Cresci em uma casa de negócios. Meu pai foi presidente de uma metalúrgica. Trabalhei muitos verões na companhia, limpando, operando a prensa, fazendo furos e moldes, organizando a folha de pagamento e o trabalho burocrático do escritório. Meu pai tinha uma política de portas abertas. Sempre estava disponível para seus funcionários. Ele era justo e muito respeitado por sua integridade. Adorava ganhar dinheiro, embora nunca tenha amado o dinheiro. No entanto, ele tinha uma ansiedade profunda: como cristão ativo na igreja, nunca senti que seu trabalho tivesse valor além de dar muito dinheiro com o qual podia contribuir generosamente para várias missões e causas humanitárias.

Sei por experiência própria como funciona este dualismo. Quando deixei o pastorado de uma grande igreja, fui aprender carpintaria e acabei entrando para o ramo da construção como sócio em uma empresa. Algumas pessoas me disseram: “Você deixou o ministério. Está desperdiçando os seus talentos. Está negando o seu chamado.” Na empresa, trabalhei nas obras, fiz notas fiscais, contratei pessoal e cuidei das contas. Também tive de lidar com clientes insatisfeitos. Isso era um trabalho sagrado? Um bom trabalho? Um trabalho duradouro? Um trabalho engajado com almas? Um trabalho que agrada a Deus? Estas perguntas levantam questões importantes e relevantes. É relativamente fácil ver que estamos amando o nosso próximo quando somos médicos, conselheiros ou pastores, mas como prestar serviços bancários a pessoas saudáveis ou ter um salão de beleza pode fazer isso? O que permanece?

## DEUS E O HOMEM JUNTOS NOS NEGÓCIOS

Quando abrimos a Bíblia, encontramos Deus trabalhando, separando luz e trevas, terra e mar, e assim por diante. Também vemos Deus completando: fazendo o mundo e todas as coisas vivas mais belas. A Bíblia termina com Deus trabalhando: renovando todas as coisas,

inclusive as materiais – “Estou fazendo novas todas as coisas!” (Apocalipse 21.5). Entre o começo e o fim, Deus está trabalhando em coisas incríveis: dando forma, falando, comunicando, mostrando resultados, destruindo, embelezando, consertando e melhorando, restaurando, desenhando, mantendo as coisas funcionando e finalizando outras.<sup>2</sup> Aqui está Deus trabalhando, fazendo negócios. Mas, e os homens?

O homem feito à imagem de Deus tem o enorme privilégio de entrar no trabalho de Deus que já está em andamento, em qualquer tipo de ocupação que seja boa e humana. Isto inclui tudo, desde a agricultura até a engenharia genética, do desenvolvimento de softwares à fabricação de circuitos eletrônicos, de fazer brinquedos a vender jeans, de consertar carros a aconselhar pessoas em depressão. O relato da criação em Gênesis menciona duas coisas sobre a nobreza de ser criaturas à imagem de Deus: relacionalidade e governo (como um regente). A primeira, relacionalidade, significa que fomos chamados a ser construtores de comunidade (“Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.” Gênesis 1.27). Mas a segunda, governo, significa que temos o maravilhoso papel de representar os interesses do monarca ausente, porque é isso que um regente faz. Neste caso, o Rei não está ausente. Deus diz: “Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem...” (Gênesis 1.28; 2.15). Então, tanto construindo comunidades quanto governando, tomamos parte no trabalho que Deus está fazendo.

O Deus Criador faz coisas novas. Deus é tão criativo hoje quanto quando começou a criar este universo de 13 milhões de anos. Ele nos convida a ser co-criadores com ele em todo empreendimento humano: tecnologia da informação, arte, música, desenvolvimento de sistemas e muito outros. O Deus Sustentador mantém as coisas funcionando. Não podemos respirar se ele não estiver mantendo as coisas em ordem. O apóstolo Paulo escreve em Colossenses: “... e nele [Cristo] tudo subsiste” (Colossenses 1.17), fazendo do universo uma harmonia e não um caos. Quando Deus falou com Jó, seu tempestuoso e chato santo, do meio do vendaval, lembrou-lhe de que Ele mantém o universo muito bem, obrigado. Ele sustenta padrões de

tempo (Jó 38.12,19-20), clima e temperatura (38.22-30), o próprio universo (38.31-33) e os sistemas vivos (38.39-39.30). A maioria das tarefas de casa e trabalhos na prestação de serviços são formas de manter as coisas funcionando: a limpeza da casa, a assistência nas estradas, a manutenção do escritório e da infra-estrutura urbana e o próprio governo funcionando. Quando as pessoas estão realizando estas coisas, elas estão fazendo o “trabalho de Deus”.

O Deus Salvador convida os seres humanos a juntarem-se a ele para consertar, melhorar e transformar. É claro que fazemos este trabalho, testemunhando o evangelho do Reino de Deus, a invasão de esperança e nova vida em Cristo. Mas também o fazemos quando técnicos consertam carros ou eletrodomésticos, quando conselheiros curam corações partidos, quando médicos trazem saúde física e emocional a alguém e quando advogados fazem justiça. O Deus Consumador leva toda a história da humanidade a um maravilhoso final. Ele tem as “Bodas do Cordeiro”, aquele grande encontro esperado, imaginado deste o princípio (Apocalipse 19.9). O trabalho de autores e outras pessoas na mídia apontam para o significado das coisas. Educadores, pastores e pais estão trabalhando para levar as pessoas à maturidade e à revelação de seu destino. Eles também estão fazendo o trabalho de Deus. Mas vamos olhar um caso concreto.

### • NO NEGÓCIO DA BELEZA •

Diane percebeu que a decisão não seria tão fácil quanto ela imaginara. As condições de trabalho oferecidas eram excelentes: um bom salário, carro da empresa e benefícios. Colleen, ex-funcionária de uma empresa com quem ela havia trabalhado durante muitos anos, estava abrindo o seu próprio negócio e queria que Diane administrasse o empreendimento. A princípio parecia uma grande oportunidade. Mas a consciência de Diane não estava muito tranqüila.

Colleen era uma cabeleireira de sucesso. Ela ganhou milhares de dólares trabalhando por conta própria. Agora estava se preparando para abrir seu próprio salão de beleza, com todos os tipos de ser-



viços. Diane e Colleen trabalharam juntas em um *day spa* o qual Diane gerenciava, mas Colleen sempre quis ter seu próprio negócio. Ela alugou um espaço caro em um dos bairros da moda na cidade, localizado próximo às casas de seus clientes, e começou a reformá-lo. A decoração interior feita por profissionais tinha o estilo dos clientes abastados; ela não economizou.

Diane sabia que algumas pessoas faziam qualquer coisa para satisfazer suas vaidades pessoais, fossem elas homens ou mulheres, jovens ou idosas. Imagem e aparência eram componentes importantíssimos da identidade e auto-estima da elite para quem ela trabalhava. Acima de qualquer coisa, as mulheres de meia-idade sempre queriam parecer lindas, jovens, magras e perfeitamente elegantes, apesar de suas limitações genéticas. As jovens queriam parecer sofisticadas e chiques. Como esses clientes eram exigentes e impacientes, deixá-los satisfeitos com o simples fato de marcar um horário era uma luta diária. Raramente aceitavam um não como resposta e eram especialistas em manipular as pessoas que trabalhavam no salão para conseguir o que queriam. Os seus gastos anuais astronômicos com os serviços de beleza parecem simplesmente fora da realidade, de acordo com qualquer padrão.

Entretanto, existe o outro lado da moeda: Diane tinha que considerar sua longa amizade com Colleen. Elas trabalharam muito bem juntas e Diane admirava a determinação de Colleen ao realizar o sonho que cultivou durante toda a vida, que não beneficiaria apenas Colleen, mas também daria um emprego estável a quinze ou vinte pessoas. A responsabilidade de Colleen como pequena empresária era um fardo muito pesado para carregar. Os anos de experiência de Diane e sua habilidade natural seriam necessários se Colleen pretendesse continuar “colocando a mão na massa” no salão, em tempo integral, depois de abrir o negócio.

Também estava claro que o pessoal do salão provia mais do que apenas tratamento de beleza para muitos clientes. O cuidado, o profissionalismo e a simpatia dos funcionários criavam uma oportunidade para o desenvolvimento das amizades. Vezes após outras os funcionários passavam por situações de crise familiar, doenças terminais, cirurgias e mortes de seus clientes, mas também por preparações

para casamentos, confraternizações e eventos de gala. O salão tinha o seu próprio papel na comunidade.

Como cristã, Diane acreditava que o consumismo e o narcisismo eram atitudes vazias e sem nenhum valor de redenção. Seria prudente continuar investindo o seu tempo e talento em um ambiente que parecia personificar o lamento de Salomão “tudo é vaidade”?

#### AFINAL, QUAL O TIPO DE TRABALHO QUE IMPORTA PARA DEUS?

Vamos analisar o dilema de Diane, primeiro questionando se ela estaria fazendo um trabalho que tem valor intrínseco ao administrar um salão, gerenciar funcionários, treiná-los e lidar com os clientes. Um trabalho que tem valor extrínseco vale pelo que ele produz: dinheiro, prestígio ou talvez um suporte para uma missão. Um trabalho que tem valor intrínseco vale por si mesmo. A maioria das pessoas pensa que os assim chamados trabalhos seculares têm apenas valor extrínseco, enquanto o ministério e as profissões que ajudam as pessoas têm tanto valor extrínseco quanto intrínseco. Na Bíblia, o trabalho chamado de “serviço do Senhor” e que tem valor intrínseco não é determinado por seu caráter religioso ou pelo fato do nome de Deus ser usado nele abertamente.

Em primeiro lugar, tal serviço precisa ser ordenado por Deus. Ele precisa ser parte do chamado de Deus em Gênesis 1.28 e 2.15, para cuidar e desenvolver o potencial da criação e cuidar das pessoas como aqueles que conduzem imagens. Fazendo assim, os trabalhadores entram no “serviço do Senhor” de criar, sustentar, redimir e realizar.

Em segundo lugar, precisa estar sincronizado com o propósito de Deus. Seu propósito não é que os seres humanos se tornem anjos, nem mesmo religiosos, mas que se tornem completamente humanos. E nos tornamos totalmente humanos relacionando-nos com Deus, construindo tanto a comunidade humana quanto a comunidade da fé, e abençoando as nações. Meu futuro não é tornar-me uma alma imortal no céu “lá em cima” – essa idéia é dos gregos – mas ser uma pessoa completamente ressurreta em uma criação inteiramente renovada, em um novo céu e em uma nova terra.

Em terceiro lugar, precisa ser um trabalho virtuosamente comprometido – à maneira de Deus. Fé, esperança e amor são as principais virtudes, freqüentemente repetidas como uma tríade nas Escrituras e mencionadas outras dezenas de vezes separadamente. Desenvolveremos este tema em outro capítulo mais adiante. Todavia Karl Barth, o teólogo do século XX, resume brilhantemente os critérios que fazem um trabalho ser bom, humano e virtuoso:

- O critério da objetividade: aquele trabalho que consegue ir fundo no coração e na alma. Que realmente “pega” você.
- O critério do valor: precisa contribuir para o avanço e para o embelezamento da existência humana.
- O critério da humanidade: trabalhos que usam as pessoas como meros instrumentos estão fora.
- O critério da reflexibilidade: o trabalho interno da reflexão e da contemplação não pode ser excluído.
- O critério da limitação: ele precisa respeitar o Dia de Descanso.<sup>3</sup>

Em quarto, o trabalho deve ter um valor duradouro. Muitas pessoas pensam que apenas o trabalho da alma irá permanecer. Eu cresci com um poema: “Apenas uma vida, que logo passará. Apenas o que for feito por Cristo durará.” Certamente na superfície das coisas, um cabelo “feito” logo será “desfeito”, e a maioria dos nossos produtos vai acabar em um monte de lixo, ou pelo menos isso é o que parece. Mas o que é duradouro, como Paulo deixa claro em 1Coríntios 3.10-15 e 13.13, não é a fé, a esperança e o amor, como virtudes “puras” desapegadas de nossas vidas, mas o que é feito em fé, esperança e amor.<sup>4</sup> No final, esses trabalhos, refinados do pecado como o fogo queima as impurezas e deixa o metal puro (2Pedro 3.12,13), encontrarão o seu lugar no “novo céu e nova terra”. Facilmente tiramos a “nova terra” do “novo céu e nova terra” (Apocalipse 21.1; Isaías 66.22). Até mesmo alguns dos meus próprios trabalhos, além da minha imaginação, encontrarão lugar nela: deques de cedro que fiz, aulas que dei; um plano de negócios, alguns livros e um ou dois sermões que escrevi; um caiaque que construí para meus netos; e minhas panquecas especiais feitas de sobras.

Um trabalho bom é bom para nós, é bom para nossos vizinhos, é bom para a criação e é bom para Deus. Se Diane resolver entrar no negócio com Colleen, seu trabalho de alguma maneira fará parte do “serviço do Senhor” e esse serviço terá tanto valores intrínsecos quanto extrínsecos; mesmo que ela ainda tenha bons motivos para não aceitar a proposta. Uma coisa é certa: a queda do homem perverteu todas as coisas, e ela vai encontrar pecado no local do trabalho e em si mesma tanto trabalhando com a elite que provavelmente vai servir no salão de Colleen quanto com os clientes mais comuns no salão onde atualmente trabalha.

Mas eu disse que o trabalho bom também é bom para Deus. Nosso trabalho importa para ele. Comprovo isso de cinco maneiras. Primeiro, Deus recompensa o trabalho e o trabalhador. Deus não é passivo nem deixa de apreciar as coisas. Na parábola dos talentos, Deus disse: “fez bem” (Mateus 25.21). Em segundo, Deus põe energia no trabalho. Somos co-trabalhadores com Deus, não apenas trabalhadores para Deus (1 Coríntios 3.9). Terceiro: Deus recebe o nosso trabalho. A enigmática declaração do Mestre em Mateus 25.40, 45 significa simplesmente isto: “Vocês fizeram isso para mim”. O apóstolo Paulo disse algo semelhante duas vezes em Colossenses 3.23-24. “É a Cristo, o Senhor, que vocês estão servindo.”

Quarto: nosso trabalho pode glorificar a Deus. É claro que ele é glorificado no culto e no evangelismo, em dar ao próximo e no exercício da fé. Mas, como demonstra Wayne Grudem em seu trabalho *How Business in Itself Can Glorify God* [Como o trabalho em si pode glorificar a Deus], Deus também é glorificado quando o imitamos, ocupando-nos com atividades que são únicas aos seres humanos, criaturas à imagem de Deus.<sup>5</sup> Isso inclui ser um empresário (imitando Deus, que exerce autoridade), ser um produtor (imitando Deus, que cria) e empregar funcionários (“Pagar alguém por seu trabalho é uma atividade única do ser humano”<sup>6</sup>). E tem mais: comprar e vender são atividades fundamentalmente boas e, novamente nos distinguindo do reino animal, elas nos permitem elevar nosso nível de vida acima da subsistência. Grudem também explora os benefícios do dinheiro,

da competição e do lucro, que são a “habilidade de multiplicar nossos recursos ao mesmo tempo em que ajuda outras pessoas... Por meio disso, refletimos os atributos de Deus como amar os outros, sabedoria, autoridade, planejamento do futuro e outras”<sup>7</sup>. E também, um assunto ao qual retornaremos mais tarde, os negócios são a melhor estratégia de longo prazo para ajudar os pobres a saírem de sua pobreza, dando-lhes condições não apenas de ter sua próxima refeição como também criando novas riquezas. Desta maneira Deus também é glorificado, pois nos ordenou a lembrarmos dos pobres e a amá-los (Gálatas 2.10; Mateus 25.39-40). Essas atividades são todas fundamentalmente boas, desenvolvidas para honrar a Deus por meio dos empreendimentos e investimentos, embora todas apresentem oportunidades para o pecado e para a corrupção.

Mas, por último, em quinto lugar, Deus gosta do nosso trabalho. A mais profunda espiritualidade do trabalho e dos negócios é simplesmente a frase dita à pessoa com cinco talentos que fez com eles outros cinco: “Venha e participe da alegria do seu senhor!” (Mateus 25.21); compartilhando tanto a alegria quanto o trabalho do seu mestre. Este é o propósito máximo deste livro.

#### PARA ONDE ESTAMOS INDO

O que você vai ganhar lendo este livro? Este não é um livro do tipo “como fazer” sobre liderança ou gerenciamento. No entanto, ele estimula algumas sutis habilidades e a espiritualidade que irão, a longo prazo, fortalecer a base de sua empresa ou empreendimento. Grandes companhias têm líderes que sabem quem eles são e o que pretendem fazer. Grandes líderes levam toda sua personalidade para o trabalho: corpo, mente e espírito. Eles têm integridade. Sabem que aquilo que estão fazendo tem significado e sabem por que estão fazendo. Então este livro é essencialmente sobre “como se tornar”; é muito mais sobre “porquê” e “como”. Nós lidamos com propósito e motivação em vez de métodos. Se tivermos um “porquê”, encontraremos com facilidade um “como”.

Então existem duas partes neste livro. A primeira, propósito, desenvolve uma teologia das atividades do mercado. Não tenha medo da teologia. Até mesmo o Snoopy, numa das suas tiras de jornais, disse certa vez que a teologia é boa para a alma. O pregador puritano William Perkins disse isso de uma forma melhor: “Teologia é a ciência de viver abençoado para sempre.”<sup>8</sup> Boa teologia é como chuva fresca em terra cansada, ou como um vento estimulante num dia de calor sufocante. É prático e maravilhosamente refrescante. Nesta seção, vamos explorar os negócios como chamado, ministério, desenvolvedor da comunidade, missão e instrumento de globalização.

A segunda parte, motivação, explora uma espiritualidade no mercado de trabalho que procura por integralidade, inspiração e integração que nos fortalecem para darmos o melhor, para atingirmos nosso potencial, para sermos encontrados por Deus na totalidade da vida, e para contribuirmos para um mundo melhor. Então, os capítulos desta seção farão um exame colocando para trabalhar a nossa alma, a fonte das decisões éticas, motivação da criatividade e empreendedorismo, deixando a vida falar pela experiência do tempo, dinheiro e sucesso, e finalmente, a possibilidade de uma vocação santa. Vamos ver o que é preciso “ter por dentro” para viver com integridade. Consideraremos algumas das disciplinas necessárias para viver e trabalhar contemplativamente em um emprego muito estressante. Mas ao mesmo tempo exploraremos como o trabalho em si é uma disciplina espiritual que nos aponta em direção a Deus, confrontando-nos com nós mesmos, o duplo conhecimento de Deus e de si mesmo que Calvino chamou de “a marca da verdadeira religião”. Sei por experiência própria que isto é verdade.

Quando me tornei deão acadêmico na Regent College, o presidente naquela época, Dr. Walter Wright Jr., me falou várias coisas importantes. Primeiro, disse que nesta posição de liderança eu teria que lidar comigo mesmo; em outras palavras, seria uma disciplina espiritual e uma forma de satisfação. Segundo, disse que eu não precisava me preocupar se iria falhar ou não. Ele tinha certeza do meu sucesso. Se eu falhasse, seria porque ele falhou em ser meu supervisor. O relatório anual iria apenas confirmar isso. Não haveria surpresas. “Mas”, ele disse, “teremos café-da-

manhã todas as quintas-feiras e lidaremos com as coisas conforme forem surgindo.” Aprendi muito mais sobre liderança, espiritualidade nos negócios e sobre mim mesmo naqueles seis anos em que fui discípulo de Walter do que em qualquer outro período da minha vida. Dediquei este livro em gratidão a ele. Aprendi como a liderança é um verdadeiro ministério, assunto que trataremos no capítulo 3.

Não tenho vergonha de abordar este assunto de uma perspectiva cristã, mas desejo sinceramente que este livro possa ser lido por qualquer pessoa que esteja procurando por uma prática dos negócios de um modo mais profundo e reflexivo, e que lhe seja útil. Então, esta obra apresenta:

- Uma estrutura teológica para as atividades no mercado de trabalho.
- Uma compreensão da cultura corporativa e da tarefa de cultivá-la.
- Uma explicação de como a fé se relaciona com a vocação, com o trabalho e com o ministério no mercado de trabalho e lhe dá um sentimento de satisfação e de algo duradouro.
- Uma perspectiva de como a espiritualidade não é apenas um meio para motivar trabalhadores cansados, mas a principal fonte de criatividade e empreendedorismo.
- Uma perspectiva motivacional para lidar com dilemas éticos complicados.
- Um plano para viver contemplativamente no foco de uma carreira que exige muito de você.

A maioria dos capítulos inclui, no final, estudos de casos e questões para discussão, que podem ser estudadas individualmente ou em grupo. Reservei ainda algumas reflexões teóricas para as notas.

Há alguns meses empreendi uma peregrinação de quatro dias pelo monte Athos, o centro monástico da Igreja Ortodoxa, onde vivem 1.400 monges em mais de vinte mosteiros. A península é um dos três dedos que se projetam no mar Egeu, no noroeste da Grécia. Este estado monástico é o único do mundo, e é acessível apenas por mar ou trilhas a pé. Nos tempos antigos, cerca de dez séculos atrás, os monges vinham de toda parte à procura de Deus. Alguns viviam em árvores (dendritos), outros em pilares (estilitas); alguns se enclausuraram em cavernas incrustadas no monte Athos, que se eleva a incríveis

180 metros acima do mar. Durante os quatro dias, além de andar e orar, tive a oportunidade de conversar com um dos mestres convidados das comunidades monásticas que havia se estabelecido ali. “O que você ensina na Regent College?”, perguntou o padre Damian. “Teologia e espiritualidade no mercado de trabalho”, respondi. “O que é isso?”, ele continuou. Tentei explicar a frase difícil: “É a integração da fé cristã com o trabalho no mundo.” Ele respondeu secamente: “Isso não é possível. E é por isso que sou um monge.”

Ponderei que, por um longo tempo, particularmente à luz do apelo sedutor da vida religiosa – desprendida, contemplativa, de oração e pacífica – multidões de pessoas de fé se entregaram ao ministério profissional, atividades sem fins lucrativos e alguns entraram para monastérios, procurando algo que valesse a pena, algo santo e de valor duradouro; muitos na fase da meia-idade. O monasticismo encaixou-se nesta idéia, pregando o ideal de vida cristã. O teólogo ortodoxo Tomás Spidlik diz: “O modelo ideal [de trabalho] seria o trabalho dos monges. Ele é realizado em uma atmosfera que leva à oração, acompanhada por oradores sinceros; ele mesmo se torna uma oração, porque sua motivação é a caridade.”<sup>9</sup> Enquanto eu caminhava de um monastério ao outro pelas trilhas de jumentos, rústicas e pedregosas, que une essas comunidades, ponderei um ditado da tradição monástica ocidental: “Atenha-se à sua cela e sua cela lhe ensinará tudo! Somente em sua cela um monge está em seu habitat, como um peixe na água.”<sup>10</sup> Pensei sobre o homem de negócios e o profissional no mundo a que sirvo e cheguei a uma conclusão irônica. Não abandone os negócios e se torne um pastor ou vá para um mosteiro. Fique com seu escritório, sua mesa, sua cela. Aprofunde-se onde você está. O seu negócio lhe ensinará tudo. Martinho Lutero, o reformador protestante, costumava dizer que você tem tantos professores quanto tem transações e ferramentas<sup>11</sup>. Hoje em dia as ferramentas e transações não são apenas plainas e barris de cerveja, mas também computadores, planilhas, reuniões de funcionários e a sala da diretoria. Contudo, ir mais fundo requer que se torne um trabalhador contemplativo, um profissional liberal reflexivo; o importante é que vamos cuidar das duas partes neste livro.



## PARA DISCUSSÃO

1. Faça uma lista de serviços que não devem ser executados por cristãos.
2. Analise por que os serviços que você listou na questão 1 não devem ser executados por cristãos: Por que são especificamente proibidos nas Escrituras? São prejudiciais para o trabalhador? São prejudiciais para seus vizinhos? São prejudiciais para a criação?
3. Reconsidere o dilema de Diane. De que maneira sua oferta de emprego pode ser um bom trabalho? De que maneira pode não ser? Uma vez que Diane é uma cristã e Colleen não, há outras coisas que ela deve considerar? Quais são as dificuldades neste caso? Quem será afetado de uma maneira ou de outra? Há razões bíblicas para tomar um caminho ou outro? Se os dois caminhos são “bons” (embora com potencial para o mal) qual deve ser a decisão de Diane?

## NOTAS

<sup>1</sup> Marc Gunther, “God and Business: The Surprising Quest for Spiritual Renewal in the American Workplace”, *Fortune*, 16 de Julho de 2001, pp. 58-80.

<sup>2</sup> Conforme vou lendo a Bíblia, também descubro Deus fazendo *design*, educando, imaginando, embelezando, liderando, desenhando, ensinando, guiando, formando, disciplinando, dirigindo, moldando, aquecendo, unificando, sustentando, salvando, organizando, mediando, separando, ajudando, resgatando, falando, curando, alimentando, ouvindo, completando, conquistando, julgando, instruindo, trazendo descanso e confortando.

<sup>3</sup> Karl Barth, *Church Dogmatics*, III/4, pp. 528-563, resumido no trabalho de Gordon Preece, *Changing Work Values: A Christian Response* (Melbourne, Austrália: Acorn Press, 1995), pp. 178-180.

<sup>4</sup> John Haughey, *Converting Nine to Five: A Spirituality of Daily Work* (Nova York: Crossroad, 1989), p. 106.

<sup>5</sup> Wayne Grudem, “How Business in Itself Can Glorify God”, em Tetsunao Yamamori e Kenneth A. Eldred, editores, *On Kingdom Business: Transforming Missions Through Entrepreneurial Strategies* (Wheaton: Crossway Books, 2003), pp. 127-51.

<sup>6</sup> Grudem, “How Business in Itself Can Glorify God”, pp. 134,135.

<sup>7</sup> Grudem, “How Business in Itself Can Glorify God”, p. 139.

<sup>8</sup> “A Golden Chain” (1592), em *The Works of William Perkins*, ed. I. Breward, The Courtenay Library of Reformation Classics, 3 (Appleford, UK: The Sutton Courtenay Press, 1970), p. 177.

<sup>9</sup> Tomás Spidlik, *The Spirituality of the Christian East: A Systematic Handbook* (Kalamazoo, Mich.: Cistercian Publications, 1986), p. 168.

<sup>10</sup> Spidlik, *The Spirituality of the Christian East*, p. 213.

<sup>11</sup> “Se você for um trabalhador braçal, descobrirá que a Bíblia foi colocada na sua loja, nas suas mãos, no seu coração. Ela prega e ensina como você deve tratar o seu vizinho... simplesmente olhe entre as suas ferramentas... entre sua agulha e seu dedal, seu barril de cerveja, sua mercadoria, sua escala ou metro... Você tem tantos professores quanto transações, mercadoria, ferramentas e outros equipamentos em sua casa” (Martinho Lutero, *Works*, vol. 21 [St. Louis: Concórdia, 1956], p. 237, citado por Paul Marshal, *Thine Is the Kingdom*, [Grand Rapids: Eerdmans, 1986], p. 25).